

J. DE SOUZA LEÃO

A “MAURITSHUIS” AO
TEMPO DE NASSAU

MONOGRAFIA N.º 2

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DO HOMEM

—

DIVISÃO DE HISTÓRIA

IMPRESA UNIVERSITÁRIA

**A “MAURITSHUIS” AO TEMPO
DE NASSAU**

MONOGRAFIAS DO INSTITUTO DE CIÊNCIA DO HOMEM

(DIVISÃO DE HISTÓRIA)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

- 1 — A População do Brasil no Fim do Século XVI
Tarcízio do Rêgo Quirino (1966)
- 2 — A “MAURITSHUIS” ao Tempo de Nassau
J. de Souza Leão (1966)
- 3 — Três Roteiros do Devassamento Territorial de Pernambuco
José Antônio Gonsálves de Mello

Capa de Wilton de Souza



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Imprensa Universitária

RECIFE — 1966

J. DE SOUZA LEÃO

A “MAURITSHUIS” AO TEMPO
DE NASSAU

MONOGRAFIA N.º 2

INSTITUTO DE CIÊNCIA DO HOMEM

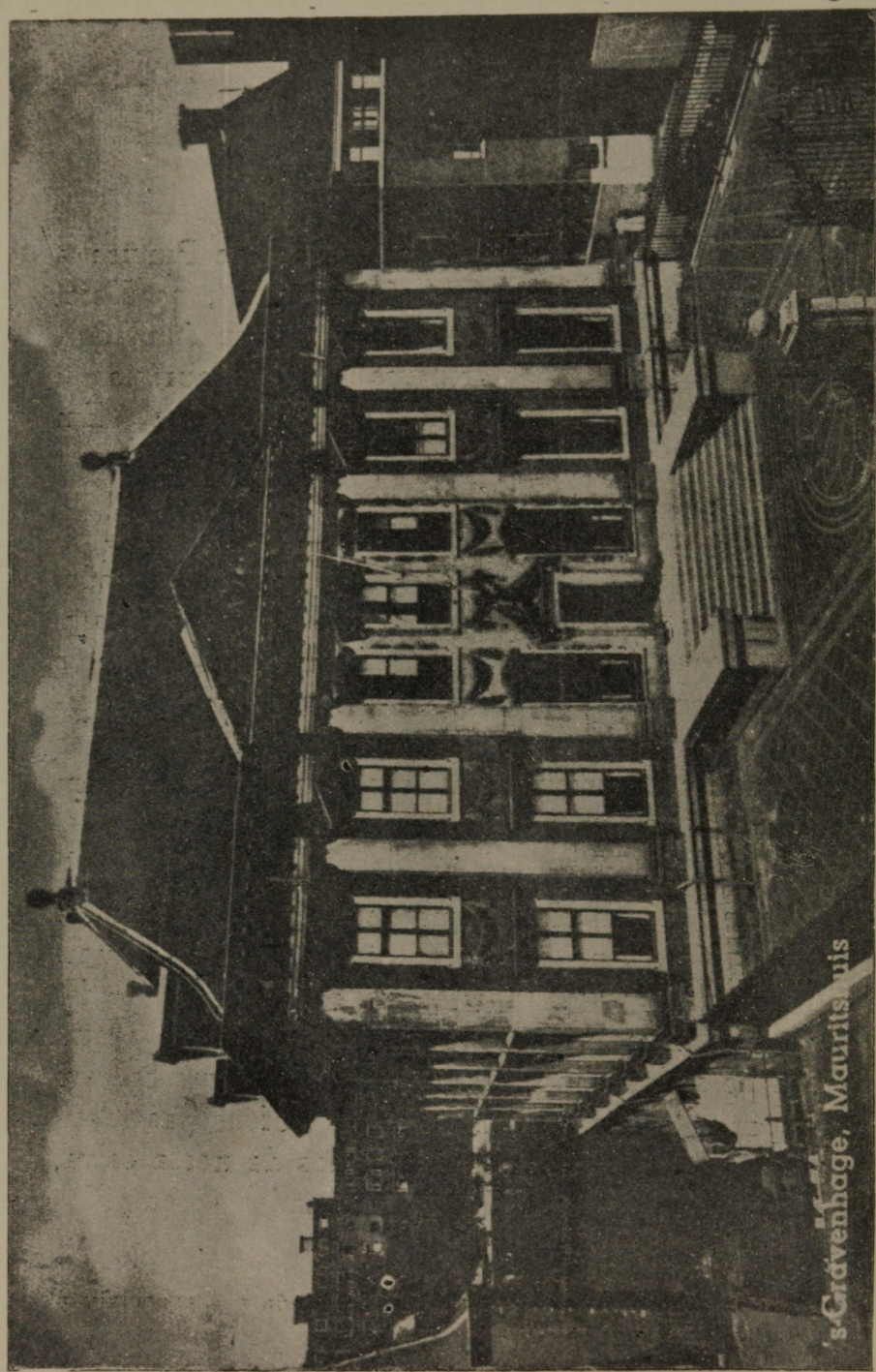
Imprensa Universitária

RECIFE — 1966

Desde 1820 ocupa o Museu Real de Pintura a casa que foi de Maurício “o Brasileiro”, na Haia, que ficou conhecida pelo prenome do seu fundador, o Conde (mais tarde Príncipe) João Maurício de Nassau-Siegen, sobrinho neto do Taciturno. Em terreno contíguo à gótica Sala dos Cavaleiros, que pôde comprar aos Estados Gerais em 1633, levantou êle seu palácio rente ao Vijver (o viveiro da cidade), em cujas águas reflete sua elegante fachada. Presume-se que os planos fôsem de Jacob van Campen, o arquiteto do nôvo *stadhuis* de Amsterdam, e que seu construtor tenha sido Pieter Post, responsável quando menos pelo acabamento interno, qual o demonstram as respectivas chaminés incluídas em seu livro “Modèles de diverses et belles cheminées...” (c. 1665).

Inspirada no classicismo de Palladio e Serlio, a *Mauritshuis* era na sua decoração original bem mais rica do que a atual. Os festões e guirlandas da fachada, aí introduzidos pela primeira vez na arquitetura holandesa, inspiraram os motivos que cobrem sobreportas e frisos, bem como os troféus das lareiras, talhados nas espécies mais finas da nossa selva, segundo risco de Post. Tetos artesonados e realçados

* O A. foi Embaixador do Brasil na Holanda e é especialista em iconografia brasileira.



's-Gravenhage, Mauritshuis

Fachada da "Mauritshuis", na Haia

a ouro obedeciam ao rigor renascentista das cornijas e pilastras que enquadravam a escadaria, cuja rica balaustrada em "pau-santo" era objeto de admiração geral. Se pouco mudou o palácio em seu aspecto exterior de hoje, a redecoração interna, depois do incêndio devastador de 1704, muito perdeu do seu prístino esplendor. Desapareceram as chaminés monumentais da sala nobre, como a abóbada alanternada que a coroava. Só a sala correspondente no primeiro piso, veio a receber tratamento condigno do anterior, no mais puro estilo *Régence*, de quando foi terminada, prevalecendo seu barroquismo em todo o palácio.

Embora muito visitada por diplomatas e estrangeiros ilustres, não existe descrição que satisfaça da casa ao tempo de Nassau. Só pelas listas dos quadros, livros e móveis, dispersos por presentes do generoso Meccenas a várias casas soberanas, parte dos quais se encontra hoje em Copenhagen e Paris (tendo-se perdido o que fôra para Berlim, durante a última guerra), é que se pode saber em que consistiam as coleções artísticas e etnográficas trazidas por Nassau de Pernambuco e que por algum tempo enriqueceram os salões da "Casa" que as más línguas apelidaram "do Açúcar", por causa dos carregamentos dêsse produto que Maurício despachava, para com sua venda concluí-la.

O gongórico Barlaeus fala-nos da "entrada de mármore do magnífico palácio... de cujos pórticos (Maurício) suspendeu para os letrados... pinturas

e tapizes” (1). Nela admirou Guillaume Lamber-ty (2), testemunha ocular do incêndio, os *afrescos*, cuja perda lamentava, os quais se estendiam, como veremos adiante, pelos muros propositadamente lisos da caixa da escada. Na certa seriam pintados por Albert Eckhout, que, pelo visto, teria continuado ao serviço do Conde, enquanto que seu colega dos paços de Antônio Vaz, Frans Post, logo se estabelecia em Haarlem (1646), uma vez terminada sua tarefa de ilustrador da obra de Barlaeus. Não teve Eckhout que se inscrever, como fêz Post no mesmo ano de 1646, na confraria de São Lucas — exigência artesanal de que só era dispensado quem estava ligado à Côrte — e seu nome só reaparece em documentos, em 1653, quando Nassau o recomenda ao rei de Saxe. Se, além da decoração mural no saguão da entrada e para o salão nobre, êle pintou os caixotões do teto com animais e passáros, conforme o partido por êle adotado em Hoflæssnitz — pequeno pavilhão de caça, perto de Dresden, que conserva sua decoração de século XVII — não lhe faltaria trabalho para uma prolongada atividade. São de depois do regresso os oito quadros grandes e três menores (para debaixo das janelas) que se destinavam a “forrar uma sala à guisa de tapeçarias” (3), quadros êsses

(1) **O Brasil Holandês...** Ministério da Educação, Rio de Janeiro, 1940.

(2) **Mémoires pour servir à l'histoire du XVIIIe siècle...** La Haye 1724-39.

(3) Carta de Maurício de Nassau a Luis XIV oferecendo-lhe quadros e objetos etnológicos do Brasil, 8 de fevereiro de 1679.

que o já então Príncipe havia recuperado de Berlim para que fôsem finalmente tecidos em 1667 — uma primeira vez — no *atelier* de Max van der Gucht. Por sinal que êste o fêz em duplicata e no rapidíssimo tempo de quatro meses, ao todo vinte e dois panos (duas vêzes oito, mais três) medindo os maiores quatro metros de altura por três a cinco de largura. Em troca dos quadros, um dêsses jogos seria remetido para Berlim e agradaria a Frederico Guilherme (de Brandeburgo).

Mas, se nos faltam descrições pormenorizadas do que seria o interior do palácio durante sua ocupação pelo proprietário, uma nos resta — entre expressionista e alegórica — mas contemporânea, pois vinda à luz logo depois da morte do Príncipe. Trata-se do livrinho de Jacob de Hennin, brabantino da Antuérpia, que abreviadamente se intitula “Os Cinco Sentidos” (4). No capítulo “Vista”, dá-nos o autor uma rápida descrição da Haia e seus monumentos, com alusão aos personagens da época e chamando a atenção para o que via digno de nota.

Raridade bibliográfica, jamais citada, que saibamos, da qual transcreveremos para terminar algumas passagens, já que se fica sabendo por ela, ao contrário do que supunhamos, que muita coisa proveniente do Brasil e da África continuava no palácio, quando o afilhado e herdeiro de João Maurício — o Príncipe Guilherme Maurício — o entregou (1683),

(4) **De zinrijke gedachten teogepast op de Vijf Sinne van's Menschen Verstand...** Amsterdam, 1681.

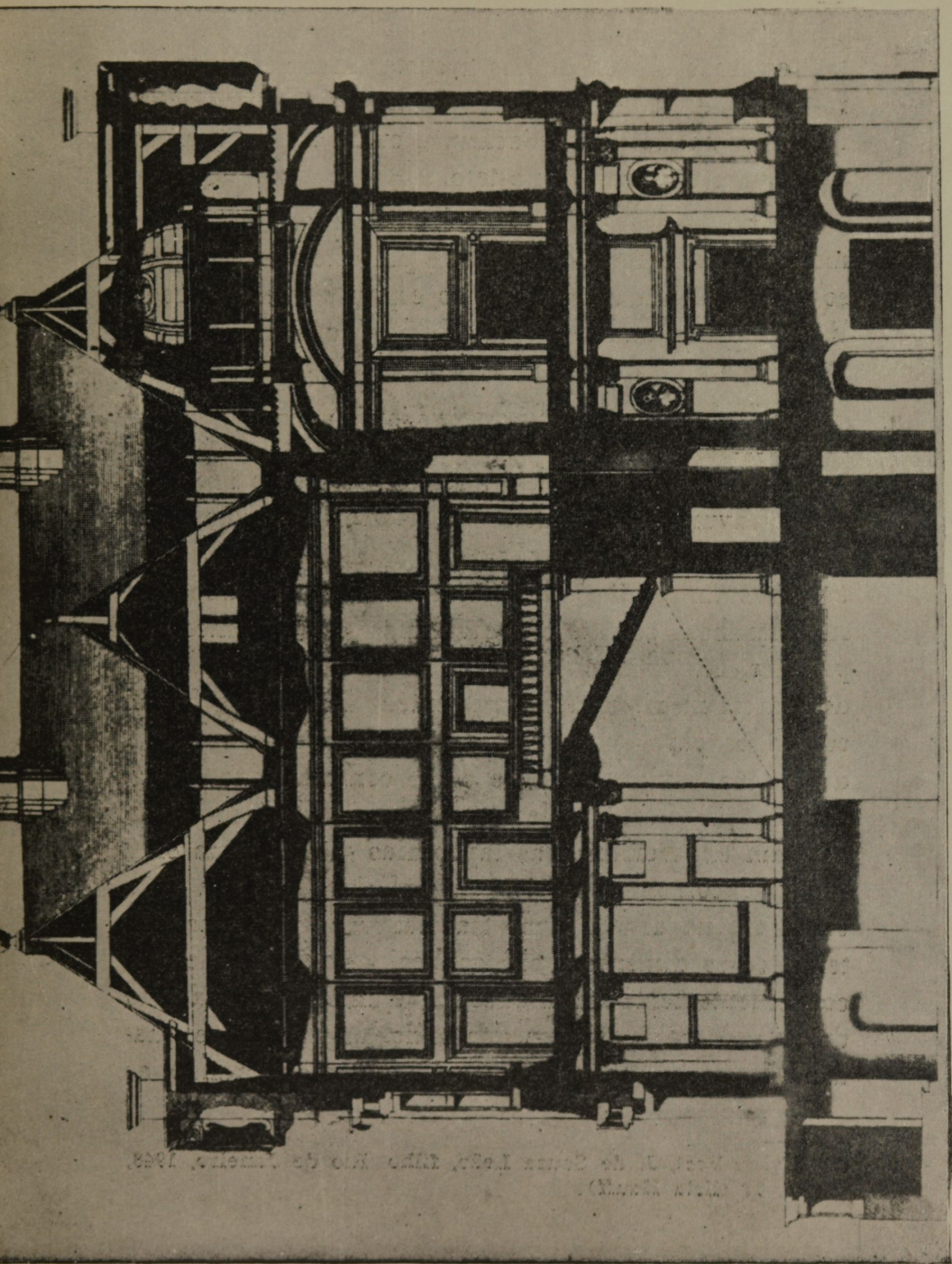
com o seu recheio, ao respectivo credor hipotecário, salvo o que foi retirado para o solar da família em Siegen. Outro incêndio nêste ocorrido em 1695, consumir-lhe-ia também o interior; graças, porém, a um lacônico e deficiente inventário de 1690 (5), pode-se adivinhar o que provinha da Haia. Descubrem-se, assim, várias peças de mobiliário em jacarandá e pau-brasil, entre camas e mesas, bem como as tapeçarias de van der Gucht. Também desapareceriam, infelizmente, as recebidas pelo Brandeburgo.

Tentemos, à luz dêsses elementos e à vista dos desenhos e plantas (37 ao todo) de autoria de Pieter Post (1652), acompanhados de curto texto elucidativo, (6) uma reconstituição do interior da *Mauritshuis* antes de iniciada a dispersão de suas coleções pelo próprio Nassau.

Por essas notas de Post verifica-se que no primeiro pavimento vivia o mordomo (o Kasteleyn Diltthey), sendo que, pelo porão, onde estavam as cozinhas e adegas, passava-se por baixo de uma ponte para o jardim. Fica confirmada a notícia de Lamberty quanto a estarem pintadas as paredes do saguão desde a porta, subindo os *afrescos* pelas da escada contígua. A grande sala que, nesse pavimento, dava para o Vijver, tinha suas paredes seccionadas por pilstras de capitéis coríntios, com nichos guarnecidos de bustos, flanqueando as altas chaminés e, entre as por-

(5) O inventário se encontra no Arquivo Real da Haia e foi publicado na revista *Siegerland* por Alfred Lück, vol. 34, I, 1957.

(6) Encontram-se êstes desenhos na Biblioteca Real da Haia.



Corte longitudinal da "Mauritshuis", por Pieter Post

tas, estátuas sôbre colunas a sustentarem escudos heráldicos dos Nassau ilustres da história, cujos retratos pendiam da parede acima e cujas armas também figuravam em pintura no teto.

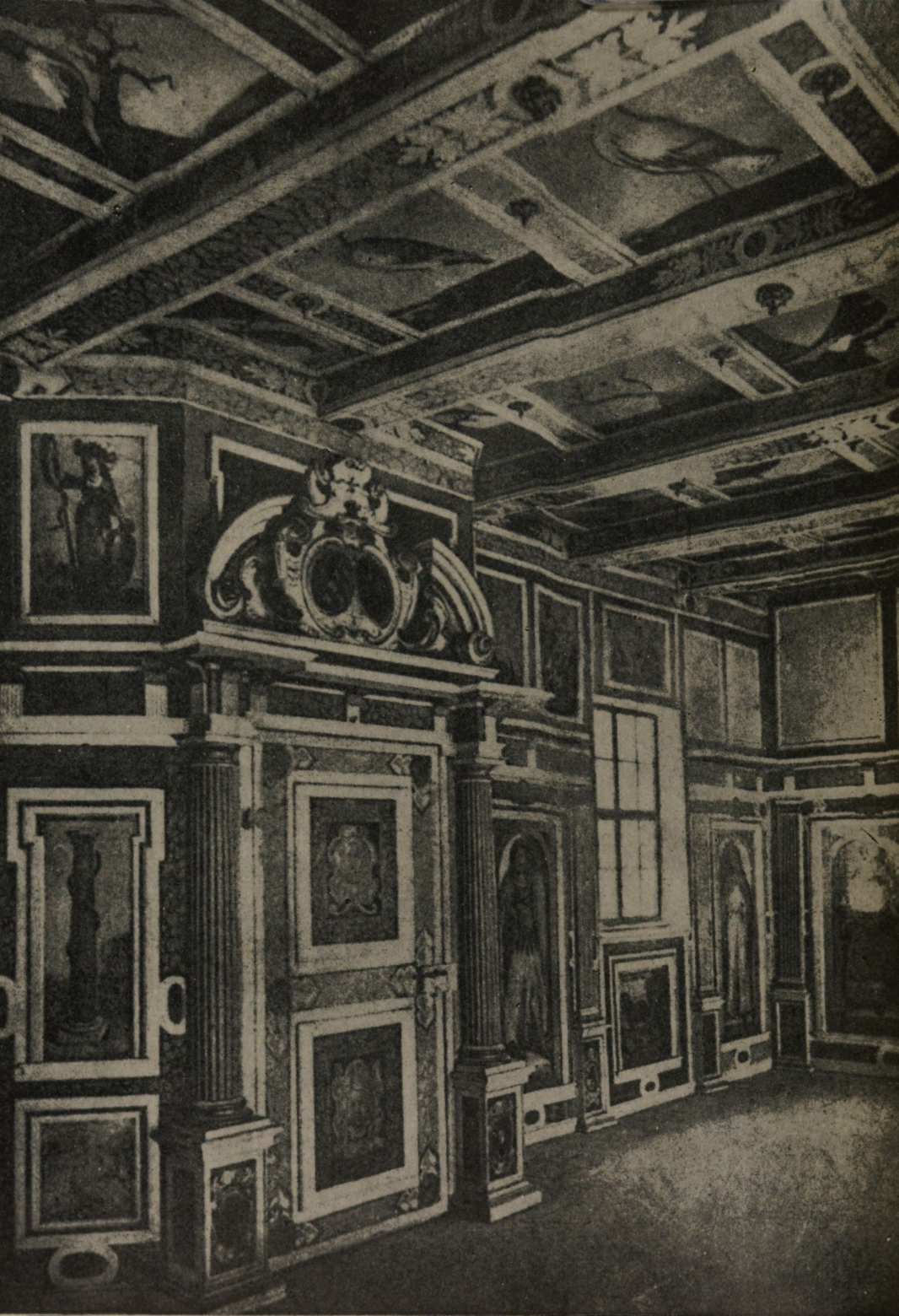
Apenas o grande salão do piso nobre e com seu majestoso pé direito e seus treze por oito metros (grosso-modo) podia acomodar nos espaços que aparecem lisos as oito grandes telas de Eckhout que mediam um pouco mais de quatro metros, telas que, indo ter aos Gobelins alguns anos depois do falecimento de João Maurício, serviram de *cartons* para a Real Manufatura: a célebre *Tenture des Indes*, tantas vêzes repetida. Uma gravura do banquete oferecido nesse salão pelos Estados Gerais a Carlos II da Inglaterra (1660), mostra as chaminés, as alegorias do teto abobadado com sua claraboia assente sôbre colunas, e, pendentes das paredes, modestos espelhos, lisamente emoldurados, a destoarem na riqueza do ambiente. Pelo visto, foram colocados para encher os claros que o inacabado da decoração havia deixado e como complemento da ornamentação floral. Nessa altura, os quadros ainda estavam em Berlim e as tapeçarias não haviam sido sequer encomendadas. As superfícies livres da peça conferem na altura como nas larguras somadas das telas, cujas dimensões são conhecidas, (7) desde que convenientemente arrumadas. Vejamos: de cada lado da entrada cabiam duas das mais largas e duas quadradas, em continuação uma da outra, dobrando as

(7) Frans Post, J. de Souza Leão, filho. Rio de Janeiro, 1948, p. 87 (lista Hauff).

esquinas até a saliência das chaminés; do lado oposto, ficariam as estreitas, entre as janelas; e, nos dois cantos respectivos, as duas restantes. Assim está armada em Malta (Palácio do Governo) a única série completa das chamadas *Anciennes Indes*, que são as tapeçarias tecidas segundo os modelos de Eckhout, com contraposição às *Modernes*, cujos modelos são de François Desportes, mas inspirados nos primeiros. Era bem do gosto holandês, a partir do século XVII, revestir a totalidade das paredes de uma sala com telas pintadas: haja vista a famosa sala de Orange em *Huis-ten-Bosch*.

Obviamente foram êsses quadros concebidos e realizados para decorarem dito salão, mas terá tido João Maurício tempo para colocá-los? Estariam prontos antes de se mudar para Cleves, em 1647, quando foi ocupar a lugar-tenência do *Gross Kurfürst* nêsse ducado e nas demais enclaves prussianas na Renânia? Custa crêr que, uma vez colocados, tivesse Nassau coragem de os desmontar. Em 1652 seguiram para Berlim, como parte do presente a Frederico Guilherme de Brandeburgo.

Quanto aos grandes quadros, também de Eckhout, que constituíram o núcleo do presente ao rei da Dinamarca, aquêles pares de negros, tapuias, brasilienses e mulatos, datados de 1641 a 1643, e que Nassau mais tarde quis reaver para ter presente em Siegen a lembrança das nações que havia governado, onde os teria pendurado? Parecem feitos à medida os painéis altos do *lambris* que reveste o saguão superior da escada. Só que aquêles não pas-



Sala do Palácio Hoplössnitz com paredes e tectos decorados com motivos brasileiros por Eckhout.

sam de oito e êstes montavam a quatorze (sete de cada lado), mais dois (na parede menor). Nada impedia, porém, que os quadros fôsem espaçados e superpostos. Quanto às naturezas mortas, com frutas e plantas tropicais, outro lote juntado ao presente, que são doze, estas, sim, caberiam a calhar, quadradas e medindo pouco mais de um metro, nas correspondentes almofadas ou painéis quadrados, abaixo dos primeiros, que deviam ter 130 cms.; três de cada lado e dois ou quatro na parede divisória com o salão. Formariam um conjunto altamente decorativo.

Não faltavam peças e gabinetes menores próprios para acomodarem mesas e estantes, onde se arrumariam os *port-folio* de história natural e os atlas cartográficos de Marcgraf e outros, os quais, em 1652, também seguiram para Berlim. Um dêsses gabinetes, todo quadriculado, com um pouco de imaginação, figurâmo-lo emoldurando carreiras de pássaros e macacos empalhados.

Nessas peças e quartos é que estariam colocados os quadros de Frans Post, todos pequenos (70 x 90 centímetros) de que sabemos a existência pelo menos de dezoito paisagens brasileiras (fora as africanas), a única referência documental à obra dêste segundo dos artistas levados por Nassau para o Recife, a qual consta do uma carta de 1678, do agente financeiro do Príncipe em Amsterdam, (8) quadros êsses por êste

(8) Arquivo Real da Haia, dossier n.º 4/1463.

encontrados no sótão do palácio, evidentemente para ali removidos a fim de serem embalados para Paris, pois constituíram parte do presente de Nassau, o derradeiro, a Luis XIV.

Segundo as notas de Pieter Post, nas duas lareiras do salão nobre encontravam-se representações de batalhas, provavelmente as em que João Maurício tomara parte, contra os espanhóis.

Finalmente, descendo a escadaria, podia-se admirar os já mencionados *afrescos*, representando as várias “nações pagãs e barbarescas”, seus usos e costumes, que provocaram o espanto e as edificantes observações do piedoso Hennin, sobre a vaidade das cousas terrenas que Nassau acumulou, profético prelúdio, ante o seu desaparecimento em sucessivos incêndios para o epílogo, isto é, à descrição do tão gabado “Juízo Final”, a tela de van Campen, que, segundo êle, era um dos tesouros da “Casa de Maurício”, provavelmente igual à pintada para a *Stadhuis* de Amsterdam, mas que foi parar em Amersfoort, medindo esta 320 de alto por 203 centímetros de largo. (9)

É curioso que van Campen fôsse aproveitar motivos brasileiros para naturezas mortas que decoram sua casa Randenbrock e não tivesse duplicado para João Maurício um dos painéis triunfais que êle pintou para a sala de Orange, e com o tema por excelência apropriado: “Os Tesouros do Brasil”!

(9) **Jacob van Campen**, P. T. A. Suillens, Assen, 1961, p. 264.

De zinrijke Gedachten toegepast op de Vijf Sinne van's
Menschen Verstand, etc.

door JACOB van HENNIN

(Substanciosos conceitos apropriados aos Cinco Sentidos da
natureza humana)

Amsterdam bij Jan Claasen ten Hoorn, Boekverkoper over
het Oude Heere Logement, 1681

Pág. 110/122

Agora proponho-me conduzí-los à Casa ou Palácio do falecido Príncipe Maurício de Nassau, para assim cumprir minha promessa e lhes dar completa satisfação visual. Subiremos então por estas escadas.

“Bom dia, Senhor Kastelein (Diltey)! Dê-nos licença para visitar êste Palácio e principalmente aquela grande sala em que se encontra o Juízo Final de Deus! Seus préstimos serão muito apreciados. Em primeiro lugar vejamos as salas, a seguir os mineiros, os animais e aves empalhados. Vemos logo, ao subir a escada, pintadas do natural, tôdas as nações pagãs e barbarescas: mouros e mouras, negros, brasileiros, tapuias, hotentotes e outros selvagens, todos criaturas de Deus. Êsses tipos de tapuias bravios, que são também canibais, costumam arrancar a barba e sobrancelhas e conservam bem compridas as cabeleiras. Como adorno, abrem a fogo dois buracos redondos na cara, do tamanho de um real, um em cada face, enquanto outros, só um e abaixo do lábio. Ornamos-nos com pedacinhos de madeira, ma-

drepérola, prata e pedras. Alguns tatuam os braços e as pernas e até o corpo todo com variadas figuras, quais flôres, folhagens, bem imitadas do natural, e esfregam-nas com o suco de certa herva, de modo a aparecerem em branco, tudo muito estranho. E ditos tapuias, desde crianças, enfiam objetos pesados naqueles buracos, alguns no nariz, outros nas orelhas, para alargá-los e dêles pendurarem pérolas, corais e outras pedras ou anéis de ouro, prata e cobre. Também nos braços e nas pernas usam anéis, brincos e corais. [...] Untam o corpo com gordura e óleo, o que lhes dá um aspecto desagradável. Êsses canibais, sempre alegres, cantam e dançam todo tempo. As mulheres são do mesmo caráter, impúdicas. Seus maridos, obedientes e serviçais. Elas passam o tempo a mastigar raízes, principalmente as idosas e desdentadas. Do suco dessas raízes preparam uma bôa bebida, que as faz dansarem e gritarem como gatos.

E lá vemos a religião dêles, seus pagodes ou igrejas, seus santos e profetas. Fazem os sacrifícios e abstinências em lugares solitários e isolados, como promessas aos entes queridos. Castigam-se cruel e tirânicamente, como podemos ver; ferem-se com facas e outros objetos, na cara, braços e pernas.

Lá está um que bate a cabeça contra uma pedra a ponto dela ficar três vezes maior, dois outros gritam e invocam seu Deus, chocando-se as cabeças um contra o outro, de modo a se ferirem e a deixá-las inchadas. Os há que deitam fogo à cabeça várias vezes por dia com uma espécie de herva santa, que arde

como pólvora e logo se apaga. Outros revolvem-se em tôda a espécie de imundícies e castigam-se b̃arbaramente com cordas e chicotes, tudo isso para louvar e servir Deus e assim lograr felicidade e bem-estar.

Quando morrem, muitos são queimados, mesmo os Chefes. Os cadáveres dos outros são repartidos entre os amigos íntimos, para serem comidos. Aos que são enterrados colocam no sepulcro arroz e dinheiro, com que pagar a Karon, que os leva no seu barco do outro lado do rio Ganges, para entrar no paraíso: é o que dizem. Essas atividades e tantas outras foram largamente descritas e a contento por vários historiadores.

Alí vemos as casas, engenhos, cenas da vida diária, bodas e reuniões, casamentos e enterros. Também as plantas, frutas e palmeiras, de cujo suco prepara-se o vinho de palma, aguardente ou arak. Além os coqueiros, cujas nozes, tronco e fôlhas são muito utilizadas. Cá está a praça forte do Recife ou Fernabok e outras vilas e fortalezas, os quais, pouco depois da partida do celebrado Príncipe Maurício, lastimavelmente se perderam, assim como aquela belíssima e bendita terra, que além das suas muitas virtudes é das mais saudáveis e nunca conheceu a peste. Eis o Pico das Canárias e as ilhas situadas em tôrno.

Vejamos ainda as elegantes salas decoradas e mobiliadas com todo luxo. Cristais da rocha, lustres de âmbar, poltronas e cadeiras em preciosas madeiras do Brasil ou em negro ébano, embutidos de branco marfim, ouro, prata e madrepérola. Quantos e variados cristais, que ricos espelhos, que beleza

a dêstes damascos e tapeçarias de assuntos brasileiros e das Índias! [Fica assim provado que os panos tecidos por Van der Gucht foram efetivamente pendurados.] Que ricas cortinas bordadas a ouro e prata, camas de preciosos marfim e pau-brasil! Quantas plantas exóticas, armas indígenas: punhais, azagias, machados, lanças! Ainda carabinas, tambores e trombetas, tudo do mais luxuoso, e inúmeros objetos em laca, como contadores, cofres, caixas, etc. Além, um monstruoso crocodilo ou caiman; uma cobra-d'água ainda mais estranha, tôda sorte de tartarugas grandes e pequenas, um rinoceronte empalhado, uma foca ou leão do mar, um pequeno elefante, muitas peles de leões, tigres, leopardos e outros animais. Além, um veado, um gato selvagem, símios, macacos, babuinos e não sei quanta outra espécie! Olhem o belo avestruz, o pelicano, o corvo da Índia, o cacatú, periquitos, papagaios e tantos outros pássaros! A ave do paraíso, que mostra ao sol tôdas as côres e tantos pavões, ganços pássaros! Quantas rochas e minérios, que variedade de corais, brancos e vermelhos, madrepérolas, etc. espécies raras aquáticas e conchas; ouro em pó, qual aparece nos rios, lavado e reduzido a ouro puro, proveniente sobretudo do Peru e da Guiné.

[Segue-se rápida e empolada enumeração de metais e pedras preciosas, unicórnios, chifres, drogas, medicinais, etc.].

E lá está o enérgico Conde e Príncipe Maurício de Nassau que colecionou com tanto gôsto e trabalho tôdas estas coleções e que com sua morte nada pôde

levar, além da esperança de salvação e de legar à posteridade nome e reputação!

Eis por fim a famosa sala que jamais esqueceremos. Entre, pois, meu estimado amigo — a mais digna de admiração —” [onde se encontra o famoso quadro do Juízo Final, descrito com longos e piedosos êxtases].

Souza Leão, Joaquim de

A "Mauritshuis" ao tempo de Nassau. Recife, Instituto de Ciência do Homem, Imprensa Universitária, 1966.

24 p. ilustr. 21 cm (Monografias do Instituto de Ciência do Homem. Divisão de História, 2)

Inclui bibliografia.

1. Johan Maurits van Nassau-Siegen, 1604-1676. 2. Arquitetura holandesa.
I. Título.

923.2. (C.D.D. 17. ed.)

92 Nassau: 72 (492) (C.D.U.)

UFPe

SD-BC 66-543

Composta e impressa nas oficinas gráficas da Imprensa Universitária — Universidade Federal de Pernambuco — Rua do Hospício, 619, Recife — em maio de 1966, 20.º ano de fundação da U.F.P., sendo Reitor o Prof. Murilo Guimarães, diretor da I. U. o bel. Edmir Régis e assistentes técnicos os srs. Dilermando Pontual e Vicente Machado.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DO HOMEM

DIVISÃO DE HISTÓRIA

MONOGRAFIAS:

1. **Tarcízio Rêgo Quirino**, Os Habitantes do Brasil no fim do século XVI
2. **J. de Souza Leão**, A "Mauritshuis" ao tempo de Nassau
3. **José Antônio Gonsalves de Mello**, Três Roteiros para a História da Penetração do Território Pernambucano (1738 e 1802).

DOCUMENTOS PARA A HISTÓRIA DO NORDESTE (a editar em 1966)

1. **Diálogos das Grandezas do Brasil**, 2a. edição integral segundo o apógrafo de Leiden, aumentada
2. **Cartas de Duarte Coelho a El-Rei**, reprodução facsimilar com leitura paleográfica e versão moderna, anotada
3. **Confissões de Pernambuco** da Primeira Visitação do Santo Ofício ao Brasil, 1593-95.
4. **Ambrósio de Siqueira, Receita e Despesa do Estado do Brasil, 1605**, manuscrito do Arquivo Geral de Simancas.